

200

200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA.
**A INDÚSTRIA E O
FUTURO DO BRASIL.**



Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA



DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO &
SUSTENTABILIDADE

CHEGA DE DIAGNÓSTICO. É HORA DE AGIR



Luiza Helena Trajano

Presidente do Conselho de Administração do Magazine Luiza. Preside também o grupo "Mulheres do Brasil"

Um dos principais fatores que proporcionaram nosso atual nível de desenvolvimento econômico foi a construção de um parque industrial moderno e diversificado. Em países vizinhos, as indústrias foram sucateadas, enquanto nós nos mantivemos firmes, apesar dos períodos de inflação alta, que afeta a base do desenvolvimento: o emprego e a renda. Infelizmente, hoje estamos em um processo de desindustrialização que pode custar muito caro para o país no longo prazo.

O que mais incomoda no Brasil é a oscilação da economia, que dificulta o planejamento das empresas. No início da década de 1990, quando eu acabava de assumir a presidência da Magazine Luiza, o então presidente da República, Fernando Collor de Mello, confiscou a poupança. Tirou o dinheiro de todo mundo. No início da década de 2000, íamos colocar forno de micro-ondas no mercado, quando veio a crise energética. Aquele produto, que começava a existir, era responsável por 13% das nossas vendas. De repente, por 24 horas, os jornais estampavam: "não comprem forno de micro-ondas, pois ele tem alto consumo de eletricidade". Na época, era verdade mesmo.

A agilidade do setor de varejo, ponta da cadeia econômica, é diferente da que ocorre no setor industrial. Ganhamos menos, mas conseguimos reagir mais rapidamente. Depois do governo, o varejo é o maior empregador do Brasil. O Magazine Luiza é um exemplo do setor. Nos seus 65 anos de existência, enfrentamos muitos desafios para sobreviver e crescer. Conseguimos avançar, mesmo em tempos de crise, como a que estamos enfrentando atualmente, em função da pandemia de Covid-19 e da Guerra na Ucrânia. Na pandemia, reagimos rápido: criamos o "Parceiro Magalu", aberto para que qualquer pessoa pudesse ser um vendedor sem sair de casa. Cerca de 600 mil pessoas se inscreveram. Atualmente, todo dia, temos 60 mil pessoas que vendem algum produto.

A desigualdade social é problema de todos nós, pois afeta as atuais e as futuras gerações.

O fato de termos sido sempre muito abertos ao novo contribuiu para, em 1991, criarmos uma loja eletrônica e, já naquele tempo, entrarmos na lógica digital do comércio. O maior desafio foi em 2014 e 2015, quando resolvemos continuar apostando também em lojas físicas, enquanto o mercado não acreditava mais nesse formato. Sempre acreditamos na multicanalidade, mas enfrentamos muitas dificuldades para defender essa crença. As nossas ações chegaram a valer menos de 50 centavos. Éramos o “patinho feio” da bolsa, porque ninguém acreditava.

Essa situação começou a mudar quando grandes *players* mundiais do

setor, que nasceram na era digital – como *Amazon* e *Alibaba* – começaram a comprar lojas físicas. Para termos uma base, a *Amazon* está montando 800 lojas físicas nos Estados Unidos. Nosso grupo já dispõe de 1.500 lojas físicas espalhadas por muitos cantos do Brasil, que se transformam em postos de entrega e de relacionamento com o digital.

Além do preço, os consumidores querem baixo prazo de entrega. Quando você tem loja física, as pessoas vão e pegam o produto em uma hora, com um custo mais baixo. Em função desse e de outros fatores, nosso crescimento foi impressionante durante a pandemia, principalmente no mercado eletrônico – uma aposta que fizemos lá atrás e que se revelou muito acertada. Nesses dois anos, compramos 17 empresas e mantivemos todos os nossos empregados. Em 2021, faturamos R\$ 56 bilhões.

COMPROMISSO COM O SOCIAL

Outro desafio importante que temos pela frente é ultrapassarmos a barreira da desigualdade social. Um dos maiores indicativos desse problema é o déficit habitacional existente no país. Para revertermos esse quadro, precisamos construir 20 milhões de casas em 10 anos. É necessário e urgente dar o

apoio necessário para cada família ter sua casa própria, que é sinônimo de dignidade. Atender a essa demanda é, também, uma oportunidade para o crescimento da indústria e do comércio. A desigualdade social é problema de todos nós, pois afeta as atuais e as futuras gerações. Afeta, por exemplo, a segurança pública. O jovem da periferia ganha 100 reais para vender um mínimo de quantidade de droga na própria comunidade; a mãe e o pai passam fome, ele começa a vender droga e, depois, passa a ser traficante.

Para enfrentar esse problema, a primeira providência é combater a miséria e o desemprego, que aumentaram muito durante a pandemia. Deixar um pai de família desempregado, dentro de casa, gera consequências graves. Emprego também é sinônimo de dignidade. É entristecedor e assustador ver o país com 13 milhões – 15 milhões, talvez – de desempregados. Temos que lutar pela geração de empregos, para que a economia vá bem e as pessoas tenham dignidade. A estabilidade econômica é essencial para que possamos ter o mínimo de tranquilidade para trabalhar e continuar a gerar empregos.

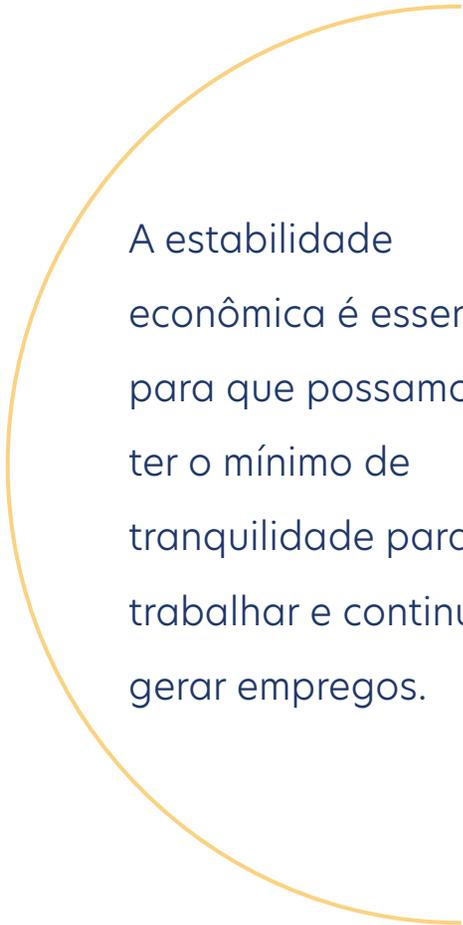
Minha proposta é reunirmos nossa força política com a sociedade, pois, juntos, somos muito mais fortes. Foi pensando nisso que, em 2013, criamos o grupo “*Mulheres do Brasil*”, com o

intuito de engajar a sociedade civil na conquista de melhorias para o país. Esse grupo conta hoje com a força política de 110 mil integrantes, desde líderes comunitárias até altas executivas de empresas, reitoras de universidades e cientistas. Na pandemia, lideramos o movimento “Unidos pela Vacina”, que conecta cidades de todas as regiões do país com empresas dispostas a fazer doações de equipamentos, insumos e serviços, com o objetivo de acelerar o processo de vacinação contra a Covid-19. Ao todo, já foram mobilizadas cerca de 230 empresas, que doaram aproximadamente 332 mil itens – como freezers, computadores e caixas térmicas com medidores de temperatura – para mais de 2 mil municípios. A união de empresas e sociedade civil nos permitiu fazer a vacina chegar mais rápido aos brasileiros, lá na ponta.

Agora, estamos trabalhando em um planejamento baseado em cinco pilares: saúde, educação, emprego, economia e habitação. Sem precisar reinventar a roda. Nosso desafio é, até 2032, colocar esses pilares na boca do povo. Imagina todas as federações estaduais da indústria se unindo para fazermos um planejamento junto com políticas públicas? Um fator fundamental nesse processo é fazer com que a sociedade civil dê o valor e

a importância que a educação merece. Precisamos levar o professor para o centro do palco. Algo na linha do que fez o agronegócio, que passou a ser visto com mais valor, depois que o setor realizou uma campanha nacional dizendo que “milho é agro”, “tomate é agro”, “tecnologia é agro”, ou seja, “Agro é tudo”. Hoje, todo mundo sabe o que é agro e seu papel no Brasil. Na hora em que fizermos isso com a educação, a população vai apoiar com entusiasmo. Se isso não acontecer, nenhum governo vai dar prioridade ao que é preciso. Há anos estamos falando que, sem educação, o país não vai para frente. Chega de diagnóstico! É hora de agir.

Se fizermos um levantamento histórico desses primeiros 200 anos de Independência, vamos perceber que toda transformação do país nasceu da sociedade civil organizada. Tem muita gente, em vários barcos, fazendo coisas boas. Precisamos fazer um planejamento para os próximos anos e décadas. Colocar todo mundo junto, para que possamos fazer o que precisa ser feito no Brasil, pelo Brasil. Se nos unirmos, pararmos de nos dividir, faremos coisas que nem podíamos pensar que seriam possíveis. Só com união nosso país vai conseguir avançar de forma consistente nas próximas décadas.



A estabilidade econômica é essencial para que possamos ter o mínimo de tranquilidade para trabalhar e continuar a gerar empregos.

A UNIÃO FAZ A FORÇA

Luiza Helena Trajano levanta três bandeiras: prioridade à educação, senso de urgência e unidade na ação. Ela une as três, defendendo a necessidade de o Brasil se envolver em uma espécie de “mania por educação”, nos moldes da campanha “Agro é tudo”. Nesse caso, o mote seria “Educação é tudo”. Pela lógica do seu raciocínio, o terceiro centenário deve ser o século em que o Brasil promoverá a educação de seu povo, de forma prioritária e igualitária. Depois do descaso, ao longo dos dois séculos, chegou a hora de propiciar a educação com qualidade para todas as nossas crianças.

No entender de Luiza Helena, essa missão passa pela unidade dos empresários brasileiros, entre eles e com o povo, pelo futuro do país. Ao dizer “basta de diagnóstico, queremos ações planejadas”, ela diz “basta de reivindicações corporativas, queremos propostas pelo Brasil”. Ao defender que “é preciso trazer o professor para o centro do palco”, expõe a necessidade de assumirmos o desafio de colocar o professor como a peça central da construção do futuro, por ser o formador das futuras gerações.

No passado, trouxemos ao palco do progresso a economia, a indústria, a energia, as estradas, as minas e o agro. Mais recentemente, começamos a trazer o meio ambiente e a inovação. Ao darmos o devido protagonismo aos educadores, como sugere a empresária, estaremos priorizando a educação como vetor do progresso.

Ela prega, também, que o país precisa se unir em torno da missão de erradicar a pobreza e reduzir a grande e histórica desigualdade social existente. Para isso, considera fundamental o enfrentamento do desemprego, que hoje atinge milhões de brasileiras e brasileiros. Apenas o emprego é capaz de dar dignidade e cidadania às pessoas, além de ser um dos principais fatores para redução da pobreza e da desigualdade.

Para levar a cabo essa missão, Luiza propõe que seja feito um planejamento estratégico, que leve em conta as frequentes oscilações da economia brasileira, que colocam em risco a sobrevivência das empresas, responsáveis pela geração de empregos. E, também, que sejam implementadas políticas públicas consistentes.



Confederação Nacional da Indústria
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA